

A MONITORIA DE ENSINO E A FORMAÇÃO INICIAL PELO OLHAR DE UMA ESTUDANTE SURDA: ENTRELAÇAMENTOS E POSSIBILIDADES NA UNIVERSIDADE

Sabrina de Azevedo Evangelista ¹
Cristiane Gomes Ferreira ²

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo apresentar um relato das experiências de monitoria de ensino vivenciadas por uma estudante surda, graduanda do Curso de Licenciatura Matemática da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A estudante participa como monitora de ensino do Componente Curricular Oferta Semipresencial Libras e também participa do apoio pedagógico ofertado pelo Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP) com dois estudantes da matemática, que também monitores e tem a função de auxiliá-la nos conteúdos matemáticos. Ela vai relatar essas experiências e com isso evidenciar a importância do trabalho de monitora dentro das universidades. Nunes (2007) informa que a monitoria cumpre duas funções, iniciar o aluno na docência e contribuir com a melhoria do ensino de graduação. Esse texto também aborda sobre o histórico da educação de surdos e traz um diferencial, que é a maneira de escrever e interpretar o português do sujeito surdo. Peixoto (2006) relata que o surdo se relaciona com o português como uma língua estrangeira e por esse motivo ao se produzir uma escrita estranha, à própria língua confronta uma organização de linguagem e conhecimento gramatical diferenciado. Assim, em algumas partes do texto é a escrita da estudante que aparece, pois reconhecemos seu caráter bilíngue, mas sem perder o rigor das normas. A metodologia possui uma abordagem qualitativa e como método uma pesquisa narrativa, pois relata os fatos e experiências do pesquisador. Os autores que embasaram: Nunes (2007), Frison (2016), Peixoto (2006), Strobel (2008 e 2009), Quadros (2006), Freire (1967). Esperamos que esse texto possa colaborar com os estudos sobre monitoria e sua importância nos cursos de formação inicial, especialmente nas licenciaturas. Ele também pretende mostrar o entrelaçamento da monitoria de ensino pelo olhar de uma estudante surda e as particularidades que essas pessoas enfrentam na educação.

Palavras-chave: Formação inicial, Monitoria de Ensino, Ensino Superior, Educação de surdos.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as Monitorias de Ensino vivenciada por uma estudante surda do Curso de Licenciatura Matemática da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Ele faz um relato de experiências da estudante como monitora de ensino do Componente Curricular Oferta Semipresencial Libras e da sua outra vivência como participante das ações do Núcleo de Apoio Pedagógico – NAP, que foi criado para prestar auxílio na

¹ Graduanda pelo Curso de Matemática da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, sabrinavangelista@hotmail.com

² Orientadora, professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, crisgfe.inclusao@gmail.com

formação docente da estudante surda. Ela recebe apoio pedagógico de dois monitores da área de matemática.

A estudante vai relatar as duas experiências, ela como monitora e outra como estudante que recebe apoio pedagógico de outros monitores de ensino. A monitoria de ensino na universidade tem encontrado forte aceitação tanto pelos docentes como discentes, quem fala sobre isso é Frison (2016) quando chama atenção que as atividades assumidas pelos alunos monitores têm como objetivo auxiliar o professor e é utilizada como estratégia de apoio ao ensino, especialmente para atender aos estudantes com dificuldades.

Esse trabalho, portanto, é um relato de experiências da estudante como monitora do Componente Curricular Oferta Semipresencial Libras e da participação dela com outros estudantes do curso de matemática. Esse artigo assume relevância acadêmica, pelo fato de acreditarmos que as narrativas de experiências formadoras podem trazer novas reflexões para o ensino da matemática, bem como ao ensino da educação de surdos, o que revela uma singularidade e experiências inovadora para todos os envolvidos, professores, monitores e a própria estudante.

Importante esclarecer que esse trabalho possui uma característica diferenciada em relação aos trabalhos acadêmicos. Ele possui duas escritas, uma da orientadora e outra da estudante surda que tem a língua portuguesa como segunda língua, fato esse que será revelado em algumas partes do texto e que muitos podem identificar como ‘erros da língua portuguesa e do padrão escrito’. A maneira do surdo escrever foi deixada no trabalho, pois se considerou a cultura surda e suas características linguísticas, sem, contudo, perder o rigor acadêmico das normas. A finalidade foi colocar a discussão da educação de surdo em evidência e na compreensão de que o papel principal desse trabalho é a narrativa de formação da estudante.

Quadros (2006) descreve que os surdos passam por diferentes processos na fase de produção textual da Língua Portuguesa (LP). A fluência na escrita da LP, vai depender dos conhecimentos da Língua de Sinais (LS) e de como ocorreu o ensino da LP como segunda língua nas séries iniciais. Assim, é possível encontrar as seguintes características na maneira de escrever de alguns surdos: construções frasais sintéticas, estrutura gramatical de frase muito semelhante à LS (L1) e poucas características do português (L2), falta de conectivos (artigos e preposições, conjunções), uso de verbos no infinitivo, falta de flexão nos nomes em gênero, número e grau, dentre outros.

Ainda sobre essa questão da escrita da pessoa surda, colabora com os nossos estudos Peixoto (2006, p.208) quando relata,

É em função disso que o acolhimento à condição bilíngue do surdo exige da escola e dos pesquisadores novas reflexões sobre os processos de leitura e escrita nesses sujeitos. Reconhecer que o surdo (precisa) partir da língua de sinais para chegar (mais eficazmente) à língua portuguesa é reconhecer também a inadequação do velho e conhecido discurso – oralista – que situa(va) a produção de escrita dessas pessoas como “caótica”, “incorreta” e fruto da “patologia do não ouvir”. É também lançar um novo olhar sobre as irregularidades que costumam caracterizar os textos escritos desses sujeitos, considerando a sua diferença linguística e, principalmente, a forma como a escola lida com essa diferença.

Por todas essas questões, foi considerado a maneira como a estudante escreve e interpreta a LP. Foram realizadas algumas correções para melhor compreensão na leitura, entretanto, a essência da escrita foi preservada.

O trabalho se caracteriza com uma abordagem metodológica qualitativa, pois existe uma subjetividade dos sujeitos e como método utilizou-se a pesquisa narrativa que de acordo com Sahagoff (2015) esse tipo de pesquisa busca compreender a experiência humana, ou seja, é um estudo de histórias vividas e contadas, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores. Os autores que embasaram o trabalho foram Sahagoff (2015), Quadros (2006), Peixoto (2006), Strobel (2008 e 2009), Freire (1967), Frison (2016), Vicenzi et al (2016), Nunes (2007), entre outros.

O trabalho está organizado da seguinte maneira, breve fala sobre educação de surdos, a monitoria de ensino em colaboração com o ensino superior, o relato de experiência e as considerações finais.

HISTÓRIA EDUCAÇÃO PESSOA SURDA

Começar história dos surdos cidade Grécia e Roma antiga, eles não ter direitos e pessoas pensar surdos deficientes. Roma falar e pensar pessoa surdo não gosto ruim porque surdo não pode comunicar. Família medo esconder surdo casa.

Na Grécia pessoa pensar surdo deficiente, surdos morrer jogados no rio. Escrever autora Strobel (2009, p. 18) “Egito e Pérsia, os surdos eram considerados como criaturas privilegiadas, enviados dos deuses, porque acreditavam que eles comunicavam em segredo com os deuses”.

O Aristóteles falar surdo não ter linguagem também não pensar. Surdo pouco audição não ter nada, Aristóteles dizer nascer surdo-mudo ser pessoa incapaz.

Idade moderna, Girolamo Cardano falar e reconhecer surdo. Falar surdo aprender e desenvolver e surdo precisar uso língua de sinais. Pedro Ponce de Leon primeiro criar escola

surdo ensinar física e latim. Ele criar escola professor surdo, usar metodologia dactilologia, escrita e oralização.

Idade Contemporânea, Abade Charles Michel antes morrer criar 21 escolas surdos França e Europa. Jean Itard falar surdo pode treinar ouvir palavras. Medico escrever língua sinais ajudar memória surdos.

Eduardo Huet vir Brasil professor surdo praticar licença, o imperador D. Pedro II abrir escola surdo.

Em 1857 primeira escola surdo no Rio “Imperial instituto dos surdos-mudos”, hoje INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Nessa escola misturar língua de sinais francesa com línguas surdos regiões Brasil, depois criar a Libras (língua brasileira de sinais).

Em 1880, primeiro Congresso surdos-mudos, onde Milão-Itália método oral votado escola surdos línguas sinais não pode ilegal, surdo não poder usar língua de sinal, Alexander Graham ajudar no Congresso, defender método oral surdo.

Em 2002 Brasil criar Lei Libras 10.439, importante reconhecer língua surdos. E, 2005 Decreto 5626/2005 obrigar ensinar Libras universidades licenciaturas e ter interpretes escolas.

Povos surdos querer língua libras Brasil. Lei Libras importante, estudante aprende melhor Libras. Escola professor falar boca, não tem comunicação, difícil surdo, ele não entender, precisar interprete.

Surdo quer escola bilingue. Povo surdo quer aprender língua bilingue, Libras e português, cultura surda ter expressão visual. O direito educação surdo quer, ensinar e escrever pode surdo.

MONITORIA DE ENSINO EM COLABORAÇÃO COM A FORMAÇÃO INICIAL DE UMA ESTUDANTE SURDA NO ENSINO SUPERIOR

A metodologia desse trabalho tem uma abordagem qualitativa e utilizamos a pesquisa narrativa para contar como foi a sua experiência. Segundo Abrahão (2003) as pesquisas narrativas permitem ao pesquisador realizar investigações que refletem a própria experiência, as suas representações da realidade, os seus significados e reinterpretações.

Esse artigo, portanto, conta a experiência de monitoria de ensino da estudante surda, graduanda do Curso de Licenciatura Matemática na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Ela faz a narrativa de sua prática como monitora de ensino e também da sua experiência como estudante que participa do Núcleo de Atendimento Pedagógico (NAP). Ele não é exatamente

um Atendimento Educacional Especializado (AEE), mas foi criado com o intuito de possibilitar a estudante uma vivência e uma melhor passagem dentro da universidade. A intenção é dele ser um espaço que respeite à sua surdez, seus conhecimentos e possa auxiliá-la em sua formação inicial. Ele faz acompanhamento pedagógico, estudos específicos da área de matemática e planejamento acadêmico diante do fato dela ser a primeira estudante surda a estudar na UNEB/Campus X.

Como já descrito, é um texto escrito a duas mãos, orientadora e orientanda, juntas vivenciamos momentos de aprendizagens e interações mútuas. Existe uma relação dialógica entre o ensinar e aprender. Ao mesmo tempo que a orientadora ensina, aprende com a estudante, principalmente a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

A nossa relação de confiança, foi se construindo ao longo dos vários semestres e dos inúmeros encontros de estudos, há um entrelaçamento de duas culturas, a cultura surda e a cultura ouvintista, duas maneiras de enxergar e ver o mundo, a primeira “compreende, modifica-o, torna-o habitável ajustando as suas percepções visuais” (STROBEL, 2008). A segunda hegemônica, oral e auditiva.

Considera-se nesse processo, uma relação horizontal, na qual a educação precisa ter sentido. Nos encontros de orientação e estudos, Paulo Freire (1967) foi um dos teóricos que embasou a relação docente/discente, a docente aprende a língua com a estudante e a estudante recebe da docente apoio para os estudos e acompanhamento pedagógico. Assim Freire (1967) relata que:

Uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade [...]. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, p. 107, 1967).

Não tem como ocorrer de maneira diferente, pois como defende Paulo Freire nossos encontros têm confiança e aprendizagem para ambas, ou seja, há uma troca, e, principalmente, a certeza de que o trabalho realizado servirá para bases futuras. Não foi, e não é uma relação fácil do ponto de vista da comunicação (Libras/Gestual visual e Português/oral auditiva), entretanto aos poucos percebe-se o crescimento das duas.

Assim, resolvemos manter a escrita da estudante e,

Reconhecer, portanto, a condição bilíngue do surdo implica aceitar que ele transita por essas duas línguas e, mais do que isso, que ele se constitui e se forma a partir delas. A língua de sinais, historicamente tão rechaçada, passa a ser percebida como parte positiva da vida do surdo, como elemento indispensável para garantir sua apropriação dos elementos culturais, de integração à sociedade e de acesso ao

conhecimento – acadêmico ou não –, além de um bom desenvolvimento cognitivo e afetivo. (PEIXOTO, 2006, p. 206)

A proposta da discussão sobre a educação inclusiva e a diversidade é isso, possibilitar novos aprendizados e possibilidades no fazer docente e pedagógico.

A monitoria de ensino possibilidades do ensinar e aprender

Monitoria ensino aula precisar planejar. Monitoria ajudar ensino pensar e organizar. Professora ajudar e fazer planejar estudante. Monitoria ter alunos UNEB Curso Matemática, Letras Português, Letras Inglês, História, Biologia, Pedagogia. Aula ter pessoas ouvintes. Eu ajudar ensinar libras, também conhecer português.

2016 começar monitoria pouco nervosa, não entender precisar junto Cristiane. Ela falar você aprender monitoria desenvolvimento calma. Cristiane ajudar também junto fazer, organizar, planejar, revisão, depois computador pronto.

Beltran apud Frison (2016) descreve que as instituições de ensino superior não têm papel apenas de repassador de conhecimentos teóricos e científicos. Ela também é responsável por proporcionar a aprendizagem como um processo ativo, cognitivo, construtivo e significativo de práticas pedagógicas e de metodologias de ensino.

Essa experiência é vivenciada pela estudante quando ela informa que passou por momentos de nervosismo, planejamento das aulas e desenvolvimento gradual em relação à monitoria e que esses aspectos estão sendo vencidos na medida que participa das aulas e do planejamento.

Eu falar ir junto sala aula, ensina, ajuda quadro, organiza Libras, alfabeto, saudação, números, animais, cores, verbos. Cristiane ajudar interpretar. Eu não faltar não pode. É ética porque monitoria pensar jeito certo fazer professor. Eu precisar ética organizar monitoria importante.

Durante o planejamento das aulas, pode-se compartilhar com o monitor a função de pesquisar sobre tópicos que o docente pretende tratar, com o intuito de apresentar novas abordagens e inovações em evidência na mídia e nas publicações da área. Ademais, ele pode contribuir com a preparação de material para aula (por exemplo, na organização de experimentos e do material para aulas práticas, assim como de recursos audiovisuais, desde que em parceria com o docente. (NUNES, 2007, p. 49)

Observa-se que as aulas contam com a participação da estudante, no qual enriquece as discussões já que é uma pessoa surda colaborando com sua própria língua e cultura no Componente Curricular Libras. Nos encontros de planejamento da monitoria, existem trocas de

informações, há escutas de ambos os lados e a estudante colabora em todo o processo. Em sala de aula ela possibilita uma interação real com os estudantes ouvintes quando ela mostra a prática do uso dos sinais em Libras.

Monitoria gosta que bom, organizar e desenvolvimento aprende. Monitoria estudar Libras, português, aprender resumo. Conhecer curso Libras muito importante.

A monitoria de ensino e a experiência no NAP

Monitoria matemática estudar João e Micaele. João gosto ensinar diferente matemática. Número aprende que não igual história. Monitoria aprender número, multiplicação, adição, subtração, divisão.

Micaele explicar português e matemática frases, verbos, palavras, não conhecer palavras difícil português. Usar youtube com Libras matemática Laboratório matemática. Ela organizar ensinar atividade. Ela falar procurar pensar e fazer atividade monitoria.

Essas monitorias com a estudante foram criadas como já dito anteriormente, no intuito de auxiliar a estudante surda em suas dificuldades acadêmicas e pedagógicas dentro da universidade. Os monitores fazem parte do NAP e são orientados semanalmente por 03 professores participantes do Núcleo.

Pereira (2007) reforça sobre a importância da monitoria quando expõe, que ela como atividade se revela um instrumento na preparação do futuro docente e que se bem conduzida pode contribuir para melhoria de ensino e para a formação profissional do estudante. E ainda descreve que o professor desempenha papel mediador dos conhecimentos, estabelece com eles relação entre os conhecimentos específicos e a prática pedagógica.

Difícil estudar monitoria porque português diferente palavra, também Libras sinal diferente português. Eu precisar ajuda importante, monitoria João e Micaele gostar muito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A monitoria pelo olhar da estudante encontra dois sentidos, um no qual ela é monitora de ensino e o outro quando ela participa junto com dois estudantes, colegas dela do curso. Esses monitores prestam orientações e auxílio em relação ao estudo da matemática. Percebe-se pela fala da estudante os dois momentos, ela como monitora de ensino e o outro com os colegas monitores, essas duas ocasiões representam um espaço de formação para o estudante monitor.

A discente deixa claro que a monitoria auxilia em sua formação acadêmica, auxilia na reflexão de suas ações e ela se reconhece parte atuante do processo. Em relação à monitoria com os colegas de curso, ainda pela narrativa dela, percebe-se planejamento, leveza e empenho pelo trabalho deles.

Desse modo, finalizamos que o trabalho de monitoria com e para a estudante enriquece a todos os envolvidos e particularmente a ela, pois representa valiosa contribuição na sua formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena M. Barreto. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica.** História da educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, p. 79-95, set. 2003

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Editora Paz e Terra, 1967. Disponível em http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/livro_freire_educacao_pratica_liberdade.pdf. Acesso em 23/10/2017.

FRISON, Lourdes M. Bragagnolo. Monitoria: uma modalidade de ensino que potencializa a aprendizagem colaborativa e autorregulada. **Revista Pro-Posições (online)**. v. 27, n. 1 (79). 133-153, jan./abr., 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-73072016000100133&script=sci_abstract&tlng=pt. acesso em 15/06/2019

NUNES, João Batista Carvalho. Monitoria acadêmica: espaço de formação. In **A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias.** Mirza Medeiros dos Santos, Nostradamos de Medeiros Lins (Orgs.). Natal, RN: EDUFRN – Editora UFRN, 2007. Disponível em <http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/20110691428837665261ac9a0128cd2d/Monitoria.pdf>. Acesso em 20/05/2019.

PEIXOTO, Renata Castelo. **Algumas considerações sobre a interface entre a língua brasileira de sinais (LIBRAS) e a língua Portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda.** Cad. Cedes, Campinas, vol, 26, n.69, p. 205-229, maio/ago. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a06v2669.pdf>. Acesso em 14/05/19.

PEREIRA, João Dantas. Monitoria: uma estratégia de aprendizagem e de iniciação à docência. In **A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias.** Mirza Medeiros dos Santos, Nostradamos de Medeiros Lins (Orgs.). Natal, RN: EDUFRN – Editora UFRN, 2007. Disponível em <http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/20110691428837665261ac9a0128cd2d/Monitoria.pdf>. Acesso em 20/05/2019

QUADROS, Ronice Muller de. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Ronice Muller Quadros, Magali L. P. Schiedt. Brasília: Mec, SEESP, 2006.

SAHAGOFF, Ana Paula. **Pesquisa narrativa: uma metodologia para compreender a experiência humana**. Disponível em https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos/3612/879/1013.pdf. Acesso em 30/05/208

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis, 2009. Disponível em http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em 21/03/2017

VICENZI, C. B. et al. A monitoria e seu papel no desenvolvimento da formação acadêmica. **Rev. Ciência em Extensão**. v. 12, n.3, p.88-94, 2016. Disponível em https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1257. Acesso em 10/04/19.